

Volume 22, número 1: 2017

As esposas de Adão e o imaginário diabólico e feminino na cristandade Medieval

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos *

RESUMO: Este artigo pretende demonstrar a construção do imaginário social feminino Cristão, por meio dos discursos clericais ancorados nas figuras de Lilith e Eva, na Idade Média. A primeira seria, hipoteticamente, antecessora a Eva como esposa de Adão. Todavia, não atendendo as vontades e capricho de seu companheiro o abandona. É Nesse contexto que se tem a criação de Eva que, por desobediência as ordens de Deus, maculou a relação entre o Homem e o Criador, além de ter sido considerada a responsável pela expulsão do casal do paraíso. Através das esposas de Adão, caem sobre as mulheres todos os estereótipos de depreciação e associações ao demônio. Nesse sentido, por tratar de uma temática sobre a construção do imaginário social feminino Cristão no decorrer do medievo, optou-se por um recorte temporal (mas também espacial) alargado e por uma abordagem teórica e metodológica subsidiada pelos estudos das representações sociais e, principalmente, do imaginário social.

Palavras-chave: Idade Média, Lilith, Eva, imaginário feminino.

ABSTRACT: This article intends to demonstrate the construction of the Christian feminine social imaginary through the clerical discourses anchored in the figures of Lilith and Eve in the Middle Ages. The first would, hypothetically, predecease Eve as Adam's wife. However, disregarding the wishes and caprice of his companion, she leaves him. It is in this context that we have the creation of Eve who, by disobeying the orders of God, tarnished the relationship between Man and Creator, and was considered responsible for the expulsion of the couple from paradise. Through Adam's wives, all the stereotypes of depreciation and association with the devil fall upon women. In this sense, because it deals with a theme about the construction of the Christian feminine social imaginary during the Middle Ages, a temporal (but also spatial) clipping was chosen as well as a theoretical and methodological approach subsidized by the studies of social representations and, mainly , Of the social imaginary.

Keywords: Middle Ages, Lilith, Eve, female imaginary.

RESUMEN: Este artículo pretende demostrar la construcción del imaginario social femenino Cristiano, por medio de los discursos clericales anclados en las figuras de Lilith y Eva, en la Edad Media. La primera sería, hipotéticamente, antecesora a Eva como esposa de Adán. Sin embargo, no atendiendo las voluntades y el capricho de su compañero lo abandona. En ese contexto se tiene la creación de Eva que, por desobediencia a las órdenes de Dios, ha maculado la relación entre el Hombre y el Creador, además de haber sido considerada la responsable de la expulsión de la pareja del paraíso. A través de las esposas de Adán, caen sobre las mujeres todos los estereotipos de depreciación y asociaciones al demonio. En este sentido, por tratar de una temática sobre la construcción del imaginario social femenino cristiano en el transcurso del medievo, se optó por un recorte temporal (pero también espacial) ampliado y por un enfoque teórico y metodológico subsidiado por los estudios de las representaciones sociales y, principalmente, Del imaginario social.

Palabras-claves: Edad Media, Lilith, Eva, imaginario femenino.

*Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais (Meridianum-UFSC) e Bolsista CAPES. E-mail: rodoxbastos@gmail.com.

Introdução

As mulheres ocidentais, o que inclui o Brasil, estão inseridas dentro de um contexto social que partilha de uma cultura patriarcal, que tende a afastá-las de quaisquer posições de liderança ou decisões, forjando mecanismos para silenciá-las ou submetê-las, produzindo, assim, um imaginário social feminino, como acontece na maioria das sociedades de tradição Judaica e Cristã.

Nesse sentido, as mulheres são identificadas conforme uma série de atributos de depreciação, por vezes relacionando-as à sexualidade, imoralidade e irracionalidade, ligada aos sentidos, intuição e ao corpo. As sociedades do patriarcado concedem ao homem certo poder de inferir maus-tratos, abusos, exclusão e dominação as mulheres sendo que, segundo Emílio Willems (1977), é um tipo de organização social caracterizado não apenas pela autoridade doméstica do pai, mas também e de uma maneira geral, pelo *status* de superioridade política dos homens e a consequente exclusão da mulher da vida pública.

As representações em torno do feminino costumam marcar as mulheres dentro dessa tradição patriarcal, de acordo com seus preceitos e estão inseridas em todos os meios de veiculação de informação e comunicação do tecido social, principalmente por meio das iconografias, literatura, músicas, artes plásticas e visuais, teatro, cinema, novelas, entre outros.

Entendemos como representações aquilo que, segundo Roger Chartier (1990), organiza as formas como o mundo social é apreendido, como categorias de percepção do real, sendo determinadas pelos interesses dos grupos sociais que a construíram. Elas são as produções dos saberes sociais, um modo de interpretar a realidade social, fornecendo sentido. Para Denise Jodelet (2001, p. 17), as representações sociais circulam nos discursos e são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.

Com isso, o modo de pensar e interpretar as mulheres em determinada sociedade repercute nas formas como os papéis de gênero são apresentados, traduzido em um imaginário social feminino. Para Tânia Navarro Swain (1994), no imaginário marcado pelas relações entre os sexos e a formação de seus papéis sociais e suas representações, há a construção das relações de poder, em que nas sociedades ocidentais existe a predominância da dominação

Volume 22, número 1: 2017

masculina, forjada como natural. Isso contribui para que esse imaginário social feminino se naturalize e adquira valor de verdade, atuando como justificativa e legitimação para todo tipo de ordenamento de controle político e jurídico.

Por imaginário, concordamos com Robert Muchembled (2001) que o denominou como um fenômeno coletivo que se constrói sobre a realidade e é produzido pelos múltiplos canais culturais que irrigam uma sociedade, não se configurando em um tipo de véu metafísico divino. O imaginário seria uma espécie de maquinaria escondida sob a superfície das coisas, poderosamente ativa, porque cria sistemas de explicação e motiva igualmente ações individuais e coletivas. Para Sandra Jatahy Pesavento (1995, p. 15), “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”.

Apesar de perceber que de tempos em tempos há uma mudança na filosofia desse pensamento, para este estudo vamos nos concentrar na reconstrução do discurso teológico religioso, principalmente o de tradição Judaica e Cristã desenvolvido na Idade Média, e que ainda encontra eco até na contemporaneidade no imaginário social feminino. Nosso objetivo, contudo, é demonstrar como os discursos misóginos durante o período medieval através de homens ligados a Igreja legitimaram inúmeras formas de violências, silêncio e normatizações para as mulheres, produzindo estereótipos e mitos sobre elas, como seres malignos e agentes de Satã e que, por isso, deveriam ser repreendidas.

Ao tratar de uma Idade Média e um imaginário sobre as mulheres, reportamo-nos a uma temporalidade estendida para compreender a forma como as mulheres foram pensadas e tratadas nesse período. Por isso vamos atravessar a Idade Média, por meio dos discursos construídos principalmente pelos clérigos, para reconhecer uma tendência de pensamento sobre as mulheres, pois, como afirma Vânia Nara Pereira Vasconcelos (2005), do século III ao XIII, foram os homens da Igreja que investiram em escritos religiosos que sedimentaram representações femininas, eles que deveriam viver completamente afastados delas.

Os discursos clericais medievais estão repletos de referências negativas em relação às mulheres. Para Eliane Ventrone (2005), durante esse período, as mulheres eram consideradas seres muito mais próximos da carne e dos sentidos e, por isso, pecadoras em potencial, pois

todas elas descendiam de Eva, a culpada pela queda do gênero humano, como veremos mais adiante.

Ocorre que durante a Idade Média há um investimento discursivo em torno da figura feminina, pois se trata de uma época atravessada por um imaginário misógino da elite eclesiástica. Com isso, as representações em torno das mulheres tendem a relacioná-las à entidade demônio, embora exista uma oportunidade de redenção, como foi o caso dos cultos referentes a virgem Maria, por volta dos séculos XI, XII e XIII.

Tanto Maria quanto Madalena emergiram como referencial que as mulheres devem buscar se espelhar para encontrar salvação, redenção e ter acesso ao paraíso. Esses dois modelos, sobretudo, da Virgem Maria, liberta e redime as mulheres da culpa do pecado original, mas não conseguem livrá-las do estigma de inferioridade.

Na realidade, esses dois modelos surgiram dentro de um contexto que tendia a demonizar qualquer referencia feminina na sociedade no período medieval. Certamente não podemos homogeneizar a Idade Média no que se refere ao trato do feminino, em que a intensidade dessa misoginia variou de época para época, bem como de lugar para lugar. Todavia, nosso propósito nesse trabalho é resgatar alguns dos discursos clericais que fundamentaram esse imaginário que tendia excluir as mulheres de qualquer possibilidade ou participação no plano da salvação Cristã.

Surgiram assim, durante o período medieval, modelos de feminilidades para as mulheres que se ancoravam em figuras míticas da religião Judaica e Cristã: Lilith e Eva, figuras vinculadas ao Diabo e à toda sorte de malefícios. A primeira é rebelde e insubmissa. A segunda se apresenta como desobediente e, por conta de sua criação da costela de Adão, se configura como inferior. A partir destes indícios, compreende-se a existência de uma justificativa religiosa e legitimação institucional para uma suposta inferioridade feminina, que estigmatizará as mulheres durante séculos.

As mulheres de Adão e a demonização do feminino

Os clérigos medievais se apoiaram no texto da Gênese na Bíblia, sobretudo nas partes que descrevem o episódio da criação e o *Pecado Original*, para a construção da inferioridade feminina através de Eva. No relato sobre a criação do Homem, Deus criou Adão e deu-lhe

Volume 22, número 1: 2017

vida soprando em suas narinas, e da sua costela fez Eva. Em relação ao segundo, Deus questiona o homem:

Comeste, então, da árvore que te proibi de comer! O homem responde: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi.” [...] Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar. “Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo impelirá ao teu marido e ele te dominará” (BÍBLIA, Gênesis, 3: 11-16).

Os teólogos medievais se basearam nessa narrativa para construir seus discursos e relacionar a mulher ao demônio e a inferioridade. Eva é extraída de uma costela do homem, uma espécie de subproduto da criação, enquanto o homem é criado diretamente por Deus. Eva, por ter sido criada a partir da costela do homem, faz que a mulher seja relacionada com o corpo, a carne, o sexo e ao pecado. O homem, por ter adquirido a vida por um sopro divino, estaria mais próximo a Deus, ao espírito e a retidão.

Eva foi criada a partir de uma costela de Adão, nascida do homem, na qual é o homem que dá à luz a mulher, algo que é contrário à natureza/biologia/fisiologia humana. Séverine Fargette (2006, p. 62) diz que a criação de Eva a partir da costela de Adão é interpretada como origem da maldade feminina: “é esse osso que correspondia exatamente ao espírito perverso da mulher”. Nessa concepção, nota-se a inferioridade da mulher que nasce depois do homem, não sendo criada diretamente por Deus.

Acreditava-se também que Eva foi criada com a função de procriar e ser uma auxiliar do homem, imaginário feminino ainda presente como podemos observar na tirinha (figura 1) criada pelo artista Carlos Ruas, retirada do seu site *um sábado qualquer*, caracterizado pelo humor irreverente e ácido em relação a assuntos religiosos e científicos.

Volume 22, número 1: 2017

Figura 1: Função de Eva



FONTE: RUAS, Carlos. Motivo de existência. *Um sábado Qualquer*. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/98-motivo-de-existencia/> 2009. Acessado em: 14/03/2017

Jacques Dalarun (1990) resgata, em seu texto “Olhares de Clérigos”, esses discursos misóginos, por homens ligados a Igreja Cristã, em que menciona Odão de Clunny, que (942 d.C.), retomando a advertência de João Crisóstomo (407 d.C.) alegava que “[...] se os homens vissem o que está debaixo da pele, a vista das mulheres dar-lhes-ia náuseas... Então, quando nem mesmo com a ponta dos dedos suportamos tocar um escarro ou um excremento, como podemos desejar abraçar esse saco de excremento?” (CLUNNY *apud* DALARUN, 1990, p. 35). O autor, na mesma página do seu texto, ainda recorre a Tertuliano (223 d.C.), que, dirigindo-se a todas as mulheres, exclama: “Não sabes tu que és Eva, ti também? Tu és o Diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar da lei divina”.

Jean Delumeau (1990) destaca que Petrarca, no século XIV, identifica a mulher como o próprio diabo, inimiga da paz e fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranquilidade (PETRARCA *apud* DELUMEAU, 1990).

Volume 22, número 1: 2017

Por sua vez, Pedro Custódio (2010) comenta que o corpo feminino e suas especificidades fisiológicas, durante o medievo, era motivo de repulsa. Pois, na obra *Etimologia*, de Isidoro de Sevilha (560-636), é posto “o poder destrutivo, maléfico e monstruoso do mênstruo”. O mesmo autor ainda menciona que o Papa Inocêncio III (1161-1216), no livro *De miseria condicionis humanae*, afirmou que esse poder provocaria doenças no homem, morte das plantas, loucura nos cães e ferrugem.

Eva desestabilizou a relação do homem com Deus e sua desobediência transmitiu às suas descendentes o estigma de portadoras do mal. As mulheres têm na sua sexualidade a marca da decadência humana, pois no Paraíso não havia desejo carnal. Com isso, elas passam a ser percebidas como figuras diabólicas, em que a relação mulher, corpo e sexualidade passam a existir como transgressão feminina.

O fato de Eva ter sido tentada e enganada, pode ter legitimado a mentalidade da mulher como fraca e estúpida, o que justificaria a suposta superioridade masculina em relação do feminino. A falta de inteligência pertence às mulheres, pois são descendentes de Eva e, por isso, possuíam uma tendência natural de se corromper, enquanto a razão pertence aos homens.

Os discursos referentes a Eva transmitiram alguns estereótipos às suas descendentes, tais como: Orgulho, pois se deixou encantar com a fala da serpente que lhe disse que, se comesse do fruto, seria igual a Deus; Desobediência, pois a mulher transgrediu as ordens dadas pelo Criador; Sensualidade e influência, porque a mulher persuadiu e encantou o homem através de seus atributos físicos; Maligna, pois sua transgressão levou à expulsão do paraíso e a uma vida de sofrimento, entre muitos outros.

Eva ainda transmite para as mulheres, segundo Bloch (1995) de acordo com os clérigos, o rótulo de tagarelas e faladeiras. Ou seja, foi por um pedido de Eva que Adão aceitou o fruto proibido sendo, por isso, considerada enganadora ou falaciosa. É nessa recriminação em ouvir o discurso feminino um dos fundamentos da proibição da pregação feminina nos altos cargos clericais e nas assembleias. Pois, “como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei” (BÍBLIA, Coríntios, 14: 33-34).

Volume 22, número 1: 2017

Por sua vez, os padres medievais, que eram vistos como homens não sexuados por causa do celibato instituído por volta do ano 1000, também precisavam convencer-se de que a mulher é um agente de Satã na Terra. Assim, deveriam ficar longe delas, pois são fontes de tentação e sedução, porque é no sexo, como assinalou Georges Duby (2001), que tem origem de toda a transgressão da lei divina. Neste contexto, foi diante desse quadro que alguns padres aconselharam o casamento como uma forma de defesa para os homens. O papel da mulher nessa instituição seria de servir ao seu marido, pois, caso contrário, poderia sofrer todas as humilhações, senão logo traria discórdia ao leito matrimonial.

O pecado de Eva, no final, é um pecado contra as mulheres, pois transformou sua natureza em algo perverso. Embora Eva seja entendida pela tradição Judaica e Cristã como a primeira Mulher, parece ter existido outra figura feminina que a antecede: Lilith.

Segundo Roberto Sicuteri (1985, p. 12), ela pertence à tradição dos testemunhos orais reunidos “nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística, que se coloca lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, da versão bíblica dos sacerdotes”, bem como a tradição Judaica medieval.

O mesmo autor relata que Lilith protesta contra as imposições do homem e questiona porque teria de deitar-se por baixo de Adão. “Assim perguntava a Adão: ‘– Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que abrir-me sob teu corpo?’ [...] Mas Lilith insiste: ‘- Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita do pó¹ e por isto sou tua igual” (SICUTERI, 1985, p. 24). Com isso, Lilith que não estava mais disposta a cumprir as vontades de Adão, pronuncia o nome mágico de Deus e eleva-se no ar, abandonando-o.

Assim, segundo Séverine Fargette (2006), sob a forma de um demônio feminino, caem sobre ela todos os estereótipos diabólicos possíveis. A partir desse episódio é que acontece a criação de Eva.

Para Sicuteri (1985) Lilith se refugia junto ao mar Vermelho, morada de demônios lascivos, em que dava à luz a mais de cem *lilim* (demônios) por dia. Anjos tentaram buscá-la e

¹ Importante destacar que algumas versões relatam que, durante a criação de Lilith, foi utilizado barro puro e outras imundícies. Para Silvia Tubert (1996, p. 96) “Deus criou Lilith, a primeira mulher, assim como havia criado Adão, porém, ao invés de barro puro, usou imundícies e areia”. Ver Maiores informações em: SICUTERI, Roberto. *Lilith, a Lua Negra*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

Volume 22, número 1: 2017

devolvê-la a Adão, mas ela se recusou, argumentando que Deus tinha lhe ordenado o cuidado com os recém-nascidos. Em relação aos meninos, ela teria poder sobre eles até o oitavo dia (circuncisão) e no caso das meninas, por vinte dias. De toda forma, Lilith matava-os, toda vez que podia, mas também jurou poupar a vida das crianças sempre que avistasse os mensageiros de Deus. De acordo com Roque de Barros Laraia (1997, p. 151), “Lilith foi transformada em um demônio feminino, a rainha da noite, que se tornou a noiva de Samael, o Senhor das forças do mal”.

Lilith se transforma num demônio feminino, recaindo sobre ela todos os estereótipos diabólicos, em que é relacionada a escuridão, a noite, depravação e crueldade.

Para Kelly Thaysy Cabral Lopes e Fabrício Possebon (2014), Lilith segue por sua liberdade quando é surpreendida pela notícia que surge a segunda mulher de Adão, aquela que nasceu retirada de seus ossos, submissa e diferente dela. Para os autores, existem relatos de que ela teria sido a serpente que influenciou Eva, o que poderia ser interpretado como uma intervenção contra a submissão feminina.

Para Marcelo Fábio Faria (2009), acredita-se que Lilith fora retirada das narrativas bíblicas por exigir uma igualdade entre os sexos. Lopes e Possebon (2014) parecem partilhar dessa ideia quando descrevem que, provavelmente a remoção de Lilith das escrituras canônicas pode ser explicada por sua imagem não estar em concordância com o ideal para as mulheres.

Janet Howe Gaines (2012) informa que Lilith assumiu durante a Idade Média, principalmente na tradição judaica medieval, novas características de sua origem babilônica por meio da inserção do *Alfabeto de Ben Sira*. Para a autora, esse alfabeto caracteriza-se por ser uma versão mais antiga e hebraica da história rabínica em relação ao caráter de Lilith e de sua relação com Adão, datado entre 700 e 1000 d.C.

Lilith também coleciona alguns estereótipos, por conta de sua conduta heterodoxa em relação ao homem, como: Devoradora de crianças e espermatozoides lançados em vão; Mãe de crianças mortas, porque dava à luz todos os dias e pervertida, pois estava relacionada ao mal inerente em atos de depravação, homossexualidade e o que seria denominado de abuso do corpo. Como pontuou Faria (2009), com a perfeição que *Iahweh* dá as suas criações, a beleza

de Lilith é que rege seu maior pecado: a Vaidade, além de ser a exilada e aliada dos anjos caídos.

As duas mulheres de Adão foram relacionadas ao mal e condenadas. Segundo Swain (1994), Lilith é a mãe dos demônios, atormentadora dos mortais. Eva é a inconsciente, a pecadora, a causadora da queda e do pecado. As bruxas da Idade Média e Moderna representam a cristalização desse imaginário sobre a mulher, criando um princípio feminino de inferioridade “natural” e social, marcados biologicamente e aliada à imagem de seres obscuros, malignos e místicos. Todavia, a imagem de uma mulher nascida do homem é muito mais atraente para a Igreja, pois remete à sua inferioridade.

Ainda para a autora, simultaneamente, constrói-se o estereótipo do masculino, em oposição ao feminino. Ao homem, foram atribuídas características que o valorizavam, como a retidão, a honra, a espiritualidade etc. À mulher, a desonra, a mentira, a confusão, a sedução, a tendência ao pecado etc. Esse imaginário religioso contribui para legitimar o acesso do homem ao espaço público, enquanto a mulher era responsável pelo ambiente privado, onde se tornava menos perigosa.

Enquanto Lilith foi menosprezada por ter sido criada diretamente por Deus e sua rebeldia diante das imposições de Adão, buscando liberdade, igualdade e os mesmos direitos que o homem, características que não agradavam a Igreja medieval. Eva foi depreciada e demonizada, por ter sido fraca e se deixado corromper pela serpente, fato que é associado às condições de seu nascimento.

Para Sicuteri (1985), Eva representa a aceitação e é mais agradável ao Pai e à Lei, sendo mais adequada como “Mulher”, não demonstrando o combate por igualdade. De toda forma, assim como Lilith, Eva também será considerada fonte de pecado e relacionada ao Diabo.

Alguma redenção para as filhas de Eva

Era preciso enquadrar as mulheres em algum lugar no plano divino ou na economia da salvação Cristã, tendo em vista que o cristianismo utiliza o imaginário de Eva para a construção ideológica da inferioridade da mulher e fonte de todo mal. Foi com o advento da

Volume 22, número 1: 2017

exaltação e do culto a virgem Maria, como novo modelo de feminilidade, que as filhas de Eva encontraram alguma redenção.

Nesse sentido, Dalarun (1990), em obra já citada, menciona Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.) que afirmava que “Eva é Vae, a desgraça, mas também vita, a vida”. O autor também recorre a São Jerônimo (347-420 d.C.), que propunha: “Morte por Eva, vida por Maria”. Do mesmo modo, o medievalista ainda resgata Santo Agostinho, que alegava: “Pela mulher a morte, pela mulher a vida”. Foi com o advento da exaltação do culto a Virgem Maria, como novo modelo de feminilidade, que as filhas de Eva encontraram alguma redenção.

É no século XII, segundo José Rivair Macedo (2002, p. 70), a época do impulso mariano e que Maria surge como redentora para as mulheres, libertando-as da maldição da queda. Embora houvesse, como postulou Dalarun (1990), uma espécie de movimento de valorização ao culto a Maria nos primeiros séculos do cristianismo, esse é o momento em que o sexo feminino, por intermédio de Maria, apresenta a “nova Eva”, aquela que deu à luz a Cristo e os cristãos, em que todos são seus filhos e também são irmãos.

Dalarun (1990) destaca que a partir do século XIII, percebe-se que os franciscanos tomaram a dianteira em favor de difundir a virgem: Alexandre de Hales (1245), Boaventura (1274) e João Duns Escoto (1308) – mas também dois Dominicanos – Alberto Magno (1280) e Tomás de Aquino (1274) que, levados à reflexão pela sua devoção, lançaram em menos de um século, as bases teóricas que permitiram os dois últimos grandes dogmas marianos: a santificação de Maria que era a purificação e a reparação do pecado original e que conduz diretamente à sua Imaculada concepção; e a sua assunção corporal ao céu, que não é a ausência de morte, mas o afastamento de toda a putrefação. Assim, tanto na concepção como no pensamento, Maria escapa ainda um pouco mais à sua condição humana.

Para Vasconcelos (2015), Maria representa a mulher assexuada e pura, que foi capaz de conceber sem pecar e sem prazer sexual. A mãe de Cristo redime a esposa de Adão, que carrega o castigo na sua sexualidade, mostrando que é possível à mulher gerar filhos sem exercer o desejo carnal. Para os padres da Igreja, é preciso perseguir esse modelo mariano, mesmo que seja apenas um ideal (no sentido platônico), o qual as mulheres comuns nunca alcançarão.

Volume 22, número 1: 2017

Enquanto Eva desobedeceu às ordens diretas do Criador, para Raquel Lima e Igor Teixeira (2008), Maria acreditou na anunciação do Arcanjo Gabriel e obedeceu aos desígnios divinos, tornando-se o protótipo idealizado do feminino e destacando-se pela sua virgindade e maternidade de Cristo. A Igreja Cristã, através de Maria, foi capaz de oferecer uma espécie de saída, redenção e participação na economia da salvação para às mulheres descendentes de Eva. Na impossibilidade de as mulheres não atenderem o ideal da virgindade, castidade e viverem em conventos, era preferível, então, que se casassem para ser esposa (servir ao homem) e, principalmente, ser mãe e cuidasse da casa (restrita a maternidade e ao espaço doméstico).

Todavia, concordamos com Rodolpho Bastos (2016), quando afirma que mesmo as mulheres que se submetem ao modelo mariano não conseguem se libertar das amarras da cultura patriarcal, uma vez que a construção dos atributos de Maria tende a controlá-las, submetendo-as a autoridade do marido, do homem e a Deus, ou seja, ao masculino. A mãe de Jesus apresenta as marcas de um substrato cultural assentado na tradição patriarcal, o que anula a participação do feminino nas decisões políticas, posições de liderança e poder, legitimadas pelas Escrituras e os ministros da Igreja. Pois, enquanto em Eva as mulheres são reprimidas, através de Maria elas são controladas.

Considerações finais

Esses discursos clericais, produzidos na Idade Média, partilham dessa cultura patriarcal, que tende a afastá-las de quaisquer *status* de poder, em que moldam mecanismos para silenciá-las ou submetê-las, confluindo em imaginário social feminino, como acontece na maioria das sociedades de tradição Judaico e Cristã. Nesse sentido, Lilith e Eva, por intermédio dos discursos dos homens ligados a Igreja, relegaram as mulheres uma série de atributos de depreciação, por vezes relacionando-as à sexualidade, imoralidade e irracionalidade, ligada aos sentidos, intuição e ao corpo.

Esses estereótipos construídos em torno do feminino no medievo, ainda hoje ressoam em boa parte da sociedade Ocidental, legitimando ao homem, por vezes, certo poder de inferir maus-tratos, abusos, exclusão e dominação sobre as mulheres.

Volume 22, número 1: 2017

As representações em torno do feminino, ancorados nas “esposas” de Adão, produziram marcas nas mulheres, de acordo com seus preceitos, na qual foram veiculadas nos diversos meios de informação e comunicação do tecido social, principalmente por meio das iconografias, literatura, músicas, artes plásticas e visuais, teatro, cinema, novelas, entre outros. Desse modo, esses ícones femininos da mitologia Cristã medieval repercutem como os papéis de gênero são apresentados, servindo como justificativa e legitimação para todo tipo de ordenamento de controle político e jurídico.

Por fim, mesmo os modelos de feminilidades² que resguardavam algum lugar para as mulheres na economia da salvação Cristã, como a mãe de Cristo com seus atributos de submissão, pureza, recato e silêncio não foram capazes de libertar as mulheres em relação da autoridade e posições de poder dos homens. Pois, segundo Bastos (2016) tudo que escapa a esse *ethos* construído para as mulheres é condenado, passível punição, exclusão quaisquer tipos de violências, porque estão mais próximas de Eva, mas também de Lilith, em que as duas são agentes do demônio e das forças das trevas.

Referências Bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo. Ressonâncias medievais no feminino contemporâneo: Os modelos de feminilidades do medievo e sua relação com a violência contra as mulheres. *Mandrágora*, v.22. n. 2, 2016, p. 67-89.
- BLOCH, R. H. *Misoginia Medieval e a invenção do Amor*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

² Para Bastos (2016) existiram outros modelos de feminilidades durante o período medieval, além do construído em torno de Maria, como o de Maria Madalena, em que ela seria um arquétipo feminino mais próximo das mulheres, situado entre Eva e Maria, ancorados em atributos de penitência e arrependimento. Para o autor, “Madalena se apresenta como um referencial mais acessível às mulheres, pois, embora pecadoras como Eva e não mais ‘virgens’ como Maria (tendo em vista não ser possível biologicamente dar à luz mantendo-se virgem), permite esperanças de salvação ao se arrependem de seus pecados. Mesmo assim, seu culto e devoção tiveram de se ancorar no modelo mariano de submissão (ao homem e a Deus) e recato (reprimir sua sexualidade) para conseguir alguma credibilidade. Nesse sentido, Maria é o modelo de feminilidade seguido pela própria Madalena para se legitimar como outro referencial feminino” (BASTOS, 2016, p.85). Ver maiores informações em: BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo. Ressonâncias medievais no feminino contemporâneo: Os modelos de feminilidades do medievo e sua relação com a violência contra as mulheres. *Mandrágora*, v.22. n. 2, 2016, p. 67-89.

Volume 22, número 1: 2017

- CUSTÓDIO, Pedro Prado. A misoginia na Idade Média: Bruxaria, alguns aspectos religiosos e sociais. *Acta Científica, Engenheiro Coelho*, v. 21, n. 3, p. 21-31, set./dez., 2012. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/74/74> Acessado em: 11 de set. de 2016.
- DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (org). *História das mulheres: A Idade Média*. Porto: edições Afrontamento, 1990.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*, São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1978.
- FARGETTE, Séverine. Eva, Lilith e Pandora: o mal da sedução. IN: *Revista História viva: Duetto*, n.12, São Paulo, 2006.
- FARIA, Marcos Fabio de. Behemoth, Lilith e Anjos: três monstros judaicos em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out., 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1701/1786> Acesso em 11 de set. de 2016.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva barbada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- GAINES, Howe Janet. *A história de Lilith, a primeira mulher de Adão que foi banida da Bíblia*, 09/04/2012. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/anaoxum/a-historia-de-lilith-a--primeira-mulher-de-ado-que-foi-banida-da-bblia> Acessado em 11 de set. de 2016.
- JODELET, Denise (org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. p. 17-44.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Portugal: Editorial Estampa.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa; TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.113-126, jun. 2008. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/horizonte_12_artigo_05.pdf. Acesso: 10 Agosto de 2016.
- LOPES, Kelly Thaysy Cabral; POSSEBON, Fabrício. A serpente mítica: o confronto entre o consciente e o inconsciente de Jung. *Diversidade Religiosa*, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/view/19908/11327> Acessado em 11 de set. de 2016.
- MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo: séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.
- MURARO. Rose Marie Breve introdução histórica. IN: KRAMER, Henrich e SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, nº 29, p. 9-27, 1995.
- RUAS, Carlos. Motivo de existência. *Um sábado Qualquer*. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/98-motivo-de-existencia/> 2009. Acessado em: 14/03/2017.
- SICURETI, Roberto. *Lilith, a Lua Negra*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- SWAIN, Tânia Navarro. *História no plural*. Brasília: UNB, 1994.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das mulheres e História social. In: *Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças: publicação do pagu. Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp*, nº3, Campinas/SP, 1994.
- TUBERT, Silvia. *Mulheres sem sombra: maternidade e novas tecnologias reprodutivas*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
- VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visão sobre as mulheres na sociedade Ocidental. *Revista Ártemis*, n. 3, dez. de 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2209/1948> Acessado em: 11 de set. de 2016.



Volume 22, número 1: 2017

VENTORIM, Eliane. Misoginia e Santidade na Baixa Idade Média: os três modelos femininos no Livro das Maravilhas (1289) de Ramon Llull. *Mirabilia*. N.5 Jun-Dez 2005. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283512/371432> Acessado em: 11 de set de 2016.

WILLEMS, Emílio. Matriarcado e Patriarcado. In: *Dicionário de Sociologia Globo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.